

Segundo Bresser Pereira, intervenção do Estado é fenômeno cíclico

por Antônio Gutierrez
de São Paulo

A intervenção do Estado na economia ocorre, historicamente, de forma cíclica. As críticas da sociedade, de um modo geral, à presença estatal nas atividades econômicas surgem quando ocorre excesso de regulamentação e crescimento do déficit público.

Esse ponto de vista foi defendido ontem pelo ex-ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, durante o seminário "Democratizando a economia: discurso e práxis", promovido pelo Woodrow Wilson International Center for Scholars e Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Para o ex-ministro, que participou do painel "Economia e outras ciências sociais", a defesa da privatização e da desregulamentação da economia, sem levar em conta o efeito cíclico, "é não só ideológica mas hipócrita".

A posição de Bresser Pereira foi contestada pelo professor de Economia da USP, Eduardo Giannetti da Fonseca, que também participou do painel. Ele se baseou no argumento de que nenhuma quantidade de conhecimento sobre o passado permite supor o futuro, o

que descarta a possibilidade de prever ciclos interventionistas.

Durante sua exposição, Bresser Pereira observou que o Brasil vive hoje a maior crise capitalista de sua história. Essa crise já teria sido vislumbrada no início da década de 70 período que se caracterizou pelo autoritarismo e forte estatização da economia, com acentuado endividamento externo.

Ele lembrou que a atual dívida externa, inicialmente assumida pelos setores público e privado, é hoje quase totalmente pública. Desse modo, Bresser Pereira evidenciou que não se pode enfrentar a dívida do Estado sem resolver a questão da dívida externa.

Além disso, ele acha "perfeitamente viável" a aplicação de uma política econômica progressista no Brasil, que se caracteriza, entre outros pontos, pela redistribuição de renda; defesa da democracia, com maior participação da sociedade; reforma tributária; e uma certa participação do Estado. "O governo só vai conseguir alguma coisa quando desagradar a todos: empresários, trabalhadores e classe média", acrescentou Bresser Pereira.